



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 23 de Novembro de 1985 * Ano XLII — N.º 1088 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● Duma carta angustiante a pedir a vinda dum menino, nasceram estas notas da quinzena.

Eis, pois:

O menino já rouba porque o pai, alcoólico, lhe diz para trazer coisas para casa. A mãe, débil mental, é incapaz de criar ambiente dentro do lar. O menino, por falta de condições e de carinho, não se sente bem e procura a rua — seu refúgio e habitat natural. Hoje rouba coisas pequenas; amanhã entrará em tua casa e será capaz de te matar.

Tanta pena, minha senhora, mas temos a casa completamente cheia!

«Mais Casas...», atirou-me há dias um Amigo.

Não faltam casas de pedra e cal. Falta, sim, a família constituída. No nosso caso, o pai de família (sacerdote de cada Casa) e as senhoras, mães dos rapazes.

Vem tu. Deixa tudo e salta.

Mergulha sem condições. É o «vem e segue-Me» do Senhor.

● De facto, a falta, a miséria e a degradação da Família são as fontes donde sai o rio que, em borbotões, chega às nossas Casas.

Se és membro duma família feliz, dá graças a Deus e não desperdices esse bem e beleza maravilhosa. Bem criado por Deus!

«Apesar de ameaçada — diz João Paulo II — ela permanece a fonte de esperança do mundo e nela se decide o futuro do Homem.»

Pai, mãe, filhos, filhas, harmonia, paz, interesse pela vida, coragem nas situações difíceis e amor mútuo fazem o edifício maravilhoso! Um bosque com riachos, onde cantam os pássaros e é sempre primavera!

Mas, ameaçada por quem?

Meu Deus! Por tantos ventos, em rajadas fortes que tentam esfrangalhá-la!



Cada Casa do Gaiato deve ser uma autêntica Família

Se estiveres atento, verás e sentirás os malefícios:

Nas cenas de novelas que todos os dias entram em tua casa; nos conceitos propagados por aqueles que esqueceram o Senhor; na ordem de matar os inocentes; numa educação atenta somente ao intelectual e desconhecendo o moral e religioso; finalmente, o vento da pornografia a correr, livremente, nas mãos e nos olhos dos teus filhos menores.

Cont. na 3.ª Pág.

Aqui, Lisboa!

«Vinha de celebrar. Ai de mim se o não fizesse com toda a força da alma! Ai de mim se não fosse a pedra do Altar! Por isso mesmo a quis nua, fria, custosa — igual à vida da gente. O Mestre nasceu com a face voltada à Cruz.» (Pai Américo)

Enquanto os técnicos tratam dos cálculos e do projecto vamos aguardando ansiosamente o começo da nossa Capela. Arquitecto e Engenheiros, amigos de alto quilate, estão totalmente empenhados na tarefa. Isso nos consola e impulsiona para encarar as dificuldades futuras, que não serão poucas. Haja ânimo e a Capela será uma realidade em 1987, ano do

O primeiro trabalho a aparecer foi um telefonema da Mealhada. Depois, veio carta de Amigo de Lisboa que lê O GAIATO. Veio senhora de Coimbra. Vieram alguns Amigos ajudar a construção: de Esposende, de Mira, de Coimbra, da Figueira da Foz, de Lisboa, de S. Pedro do Sul e poucos mais.

O Júlio Mendes diz-me que é preciso sensibilizar as pessoas amigas. Eu acredito e aqui fica mais esta recado.

Casa do Gaiato — telefone 52125 — 3220 Miranda do Corvo.

Padre Horácio

centenário de Pai Américo.

Queremos assinalar algumas presenças, entre as quais a de um Irmão no Sacerdócio, nosso contemporâneo no Seminário e sobrinho de um nosso falecido Mestre em Coimbra. Mas vamos considerar que nesta coluna não faremos alusões a pessoas ou a números. Seremos discretos, que só a Deus importa conhecer os gestos dos homens! Entretanto, como Pai Américo escrevera, as nossas contas obedecerão às seguintes regras: «Aqui há somente três operações: somar, multiplicar e dividir! As contas de diminuir são tuas». Concordas?!

Repetimos ideias já aqui expressas. Asseguradas as condições necessárias para a vida comunitária é chegada a hora de erguer a Casa de Deus, simples e harmoniosa, lugar de oração e de encontro com o Senhor, para d'Ele haurirmos as Forças indispensáveis, para bem servirmos o Próximo. Ele não precisa de nós; nós é que não podemos passar sem Ele.

A vida que livremente escolhemos não é fácil. Pai Américo sentiu bem na sua carne e no seu espírito as agruras e os espinhos: «Os «Padres da Rua» são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias; o homem aflito, queimado

Cont. na 4.ª pág.

TRIBUNA DE COIMBRA

■ A fotografia da Maria João e do Gil, saída na última edição d'O GAIATO, recordou-me e fez-me saborear mais a festa de casamento que o Humberto quis fazer à filha.

Data marcada com muita antecedência e reuniões de preparação. O Humberto queria, se fosse possível, que os gaiatos estivessem todos presentes. Foi um grupo que fez grupo coral e muitos casados com mulheres e filhos. Todos procurámos que a festa na maravilhosa igreja da Rainha Santa fosse festa com sabor espiritual.

Depois foi o banquete na nova residência do Humberto. Todos lá couberam. O Humberto fez casa a contar com os filhos e com os amigos. Ele e a mulher, com seu trabalho persistente, conseguiram esta maravilha.

Que se conservem bem unidos até ao fim e que esta festa tão familiar seja estímulo para que todos os gaiatos sintam cada vez mais que formam uma grande Família, Família que se ama e deve amar.

■ No correio d'hoje veio carta de um que tem percorrido muitas terras. Recordo o dia em que ele com outro vieram do Albergue da Polícia. Era pequenito. Não se recordava da mãe e não conhecia os irmãos. Muitos anos mais tarde começou a conhecer os familiares. Começou dentro dele, mais acesa, a luta do sangue — a família. Acabou por sair de nossa Casa e ir... A mãe, sem condições, recebeu-o uns dias. O padrasto repudiou-o. E começou a aventura de terra em terra.

A carta d'hoje mais uma

vez me trouxe notícias dele, saborosas. Eis: «Esforço-me por andar sempre com a minha vida na companhia de Deus e do meu Santo Anjo da Guarda. Tenho a minha vida organizada com o meu trabalhinho e a minha casinha. Assim vou vivendo a minha vida com Deus, rezando sempre o meu misté-riozinho sentado na minha cama, pensando no dia de amanhã».

Demos todos graças a Deus pelos seus dons e pelo pequenino bem que cada um de nós vai fazendo. A boa semente fica sempre e dará fruto a seu tempo.

■ A nossa escola-oficina de artes gráficas ficou bonita! Agora com as máquinas nos seus lugares está encantadora! Está mesmo preparada para receber os Amigos.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

TIPOGRAFIA — A secção de composição tem, agora, um prelo moderno (em segunda mão) que vem facilitar a revisão de provas e o trabalho dos compositores tipográficos.

Já tiramos provas com muita nitidez — o que não acontecia no prelo antigo, com muitos anos de serviço.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL — O «Lourinho», ex-chefe-maioral, e o Toninho foram tirar o curso de carpinteiro, em Coimbra. Já lá estão há mais de dois meses e tudo a correr sem dificuldades — segundo nos dizem. Esperamos que saibam aproveitar bem esta oportunidade.

OBRAS — Os trolhas continuam a ter que fazer.

Depois de reparada a parede da padaria, e de pintarem as Escolas, é a vez da garagem e da casa-mãe receberem também uma pintura.

FUTEBOL — Realizámos em 1 de Novembro, Dia de Todos os Santos, um desafio de futebol entre os que já cumpriram o serviço militar e os que ainda o não cumpriram.

O encontro foi bastante disputado. Os que ainda não fizeram a tropa chegaram aos 3-0, mas na segunda parte os outros reagiram e empataram o jogo, fixando o resultado em 3-3.

VISITANTES — Continuamos a receber muitos, apesar da chuva.

No dia de S. Simão a nossa Aldeia ficou cheia de visitantes. Osromeiros passam sempre por cá antes de irem para a festa.

Ludgero Paulo

UMA VISITA — Proporcionar à oriana contactos com o desconhecido é papel primordial de qualquer técnico das Actividades de Tempos Livres.

Como tal, exercendo a minha profissão na Associação de Solidariedade Social «O Amanhã da Criança», em Águas Santas (Maia), organizei uma visita, repartida por dois dias, à Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

A maioria das crianças, oriundas de várias camadas sociais, não imaginava sequer o que iria ver. À partida, a excitação era enorme. Durante a viagem, as boquitas realçavam aquilo que os olhos captavam.

À chegada, o espanto. As perguntas eram muitas, tão absorvidas ficaram. Propositadamente, nada lhes disse. Queria, sim, que fossem elas a descobrir o porquê daquelas outras crianças agirem, na sua ocupação, sem ninguém a acompanhá-las ou a ordenar; elas, que sem o educador se sentem baralhadas, acomodam-se às circunstâncias, perdendo-se por vezes em ocupações fúteis. Não acreditavam que era possível uma criança de 8, 9, 10 anos arranjar a sua própria cama, varrer ruas com vassouras feitas por elas, etc. E vieram as perguntas:

— Então, as empregadas não fazem nada?!

— Onde estão os educadores?!

Durante a visita viram a vindima, os dormitórios, as oficinas; respiraram

o cheiro da vacaria; tiveram medo dos porcos; respeitaram as vacas e beberam água fresca, pura, da nossa bica da piscina. Brincaram no parque infantil, no campo de futebol; ficaram a saber qual a função da ensilagem do milho; adoraram o pão caseiro e cresceu-lhes água na boca ao verem as pêras e maçãs do nosso pomar.

A despedida, ninguém sabia ao certo o que viria!

Deixei para o Jardim-Escola a explicação da realidade a que tinham assistido e a revelação de que também sou um deles — também sou gaiato.

Se perguntar a cada uma onde gostaria de voltar, a resposta será: — Aos Gaiatos!

Morgado

Miranda do Corvo

CONVÍVIO FRATERNO — No decorrer dos dias 30 a 2 de Novembro, realizou-se mais um Convívio Fraternal.

A Praia de Mira foi o alvo do encontro, onde jovens das mais variadas terras, do centro do País, se reuniram ali para encontrar Deus nas suas vidas, dialogar com Ele, partilhar as suas dificuldades, procurar conseguir uma mudança para um futuro harmonioso.

Três dos nossos rapazes apostaram nessa mudança, que é Cristo, e não resistiram ao Seu chamamento. Encheram-se de coragem para enfrentar esse Desconhecido — como muitos O descrevem — e partiram com muita confiança para participar no Convívio de três dias.

Chegou o encerramento por muitos esperado, principalmente pelos familiares. Escutámos os mais diversos testemunhos cheios de entusiasmo e de alegria espiritual.

RETIRO — Os nossos casados deslocaram-se a Fátima para um Retiro. Com certeza viveram momentos muito agradáveis, também. Sempre em foco Deus como motivação do Retiro, onde reflectiram nos problemas que afligem hoje a família, os casais, tudo um pouco.

AGRICULTURA — As nossas terras são insaciáveis!

Terminadas as lavouras da época de Verão, que foram intensas, dando-nos sempre um pouco do seu fruto, os terrenos ficaram em pousio por um curto prazo de tempo.

Um grupo de rapazes mais velhos reserva sempre um tempinho para as lavouras; e apesar de presos ao trabalho das oficinas levaram a cabo a sementeira da erva lameira, já em fase de crescimento, e dos nabos. O grande couval que plantámos ficou uma maravilha!

O trabalho é uma constante da vida na nossa pequena Comunidade. Trabalhamos para saborearmos os frutos.

ESCOLA GRÁFICA — Não deixaremos de falar da escola-oficina de artes gráficas que tanto trabalho deu. Agora que o primeiro passo foi dado, não olhamos para trás.

Procedeu-se à montagem das máquinas nos devidos lugares sob a orien-

tação dos técnicos e perante o olhar atento dos tipógrafos, ajudados pelo sr. Joaquim, mestre da tipografia, cuja função é ensinar a malta. Podemos, agora, dispensar todo o tempo necessário para as vossas encomendas. Cá as esperamos, Amigos!

Adelino

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — As visitas aos nossos irmãos mais necessitados têm sido regulares. De cada vez que lá vamos, regressamos mais amargurados. Os seus desabafos às injustiças, à falta de compreensão, à intolerância são chagas que deixam marcas profundas. Que pena não termos tempo para saber ouvir quem precisa de falar! Andamos demasiado ocupados... Só Deus sabe quantas vezes essas falsas ocupações são meras fugas de nós mesmos. Renegamos assim uma oportunidade de nos encontrarmos. Uns minutos diários perdidos nas nossas ocupações, seriam o suficiente para o grande encontro que tanto ansiamos. Como é bom termos encontrado a família, os amigos, os doentes, os desempregados, os patrões, os pobres e sobretudo Deus! Com certeza diríamos como o casal Cristiano no seu relato: «Sentimo-nos felizes quando vamos visitar o sr. Joaquim». Antes, só traziam dor; hoje, sentem a alegria de verem o sr. Joaquim e a família. Vamos seguir o exemplo do Cristiano, procurando esses minutos que nos faltam.

Tenha o seu Pobre — Os nossos Amigos não esqueceram a ajuda que pedimos. Já começou a chegar, mas não é o suficiente. Precisamos de mais um bocadinho. Os nossos vicentinos têm alertado para a falta de roupa de cama, em especial cobertores. O frio está a bater-nos à porta e as camas das famílias visitadas não têm cobertores para o aconchego nas noites frias do Inverno. Não faz mal que sejam usados.

O nosso Padre Telmo chegou à reunião com um sorriso; e, na mão, o correio da Conferência: «500\$00 pelo aniversário do meu filho e uma oração por ele. É um jovem de 19 anos e todos os jovens precisam que rezemos por eles. S. Francisco de Assis peça a Deus por eles e por todas as pessoas que mais sofrem: os que não têm poder de voz para chegar às realidades da vida; que S. Francisco de Assis peça a Deus para que os nossos governantes sejam mais justos e olhem mais para a pobreza. Elizabet.»

500\$00 de uma Anígia: «Li n'º O GAIATO que há uma Conferência Vicentina no vosso Lar. Vai essa pequena importância para uma oração pela conversão do meu marido que tão bom coração tem. Ana Paula.»

Os «Batatinhas» agradecem e retribuem os beijinhos.

«Já há muito tempo tenho vontade de mandar alguma coisa para aquela doentinha de Minagáia, mas por vezes não posso fazê-lo e por outros motivos sou impedida. Agora parece que venço esses obstáculos e envio esta carta com 1.000\$00 que ofereço por alma de uma santa irmã que Deus

me levou e tanta falta me tem feito. A. B.»

300\$00 da assinante 19177: «Amigos: Não podemos largar as mãos. É preciso ajudarmos as famílias mais necessitadas e todos juntos não somos de mais.»

Conferência S. Francisco de Assis — Lar do Gaiato — Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO

José Alves

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Uma vítima, grande vítima!, do alcoolismo não há meio d'obter cura. A sua mulher desabafa:

— Foi outra vez lá p'ra cima, prò hospital, e veio na mesma...

Ela está seca como um figo!

Continua o desabafo sem lágrimas, já com dor cristalizada:

— Não deixa de beber...! Somos uma casa escangalhada! A gente nem de dia nem de noite tem sossego...!

Agora, um filho precisa de consulta no oftalmologista. Não têm quê e pede ajuda:

— A consulta fica por 1.500\$00, mas a Caixa só dá 120\$00. Precisamos duma ajudinha prò médico. Ele não trabalha... Com'ê q'a gente podemos viver assim!?

Acudimos. Acudiremos quando for preciso — por intermédio dos nossos Leitores.

Só temos pena que, por voltas e mais voltas que se dêem..., o álcool continue a ser o calvário deste homem — desta família. É um dos mais graves problemas sociais! Referem os organismos internacionais, da especialidade, que somos o segundo país da Europa com maior número de alcoólicos!

● Outro caso, diferente. Daria pano para mangas se tivéssemos espaço. Um problema típico dos meios urbanos com incidência em regiões intermédias — como a nossa.

Ele, filho de trabalhadora do campo, procurou trabalho numa fábrica do grande Porto, servindo-se diariamente do comboio como meio de transporte. Ela andava por lá aos tombos... Conheceram-se algures. Juntaram-se num hotel de proletários. Todavia, no meio daquela *babilónia* a vida da moça (já marcada...) corria perigo. Avançaram para o campo. A família aceitou-os. Perplexidade na vizinhança... Mas como um e outro são baptizados, apressaram-se a desfazer a mancebia, contraindo Matrimónio no altar da igreja paroquial. Comprometemo-nos a solver toda a papelada dos processos. *«Aqui têm a conta. São 5.680\$00.»*

No entanto, percebemos que a moça tinha algo que lhe custava dizer. Insistimos. *«Roubaram a carteira ô meu homem, no comboio... Até ficou mal da cabeça! Era o ordenado do mês...»*

Mais: Já andámos com eles dois à procura de moradia. *«Quem casa, quer casa.»* Há uma esperança. Vamos a

ver. A carência de habitações não é feudo dos centros urbanos, também um mal dos meios rurais — sem habitação social... Não tão dramática, por via da Autoconstrução; mas requer urgência na solução, até para servir de tampão às migrações.

PARTILHA — Assinante 30719, 500\$00 «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa», em sufrágio «de todos os meus familiares já falecidos». A «Maria de Portugal» expediu o dobro, do Porto, no Dia de Todos os Santos: «No mês das Almas, duas migalhas para aliviar duas almas de Lá e, possivelmente, duas almas de cá...» Que bem!

Um anónimo, da capital do Norte, manda 1.000\$00 pela mão do nosso João Luciano. A assinante 18245, de Avis, 5.000\$00 em acção de graças pelas melhoras de um acidente: «Deus é meu amigo. Fiquei sem defeitos.»

Agora, passa a assinante 25881: «É costume assinalar o aniversário do nosso casamento... Mas os dias iam passando sempre na corrida da vida que nos empurra sem fazermos nada daquilo que queríamos ou deveríamos. Eu então sou uma insatisfeita e imperfeita com ambições.»

Um João, das terras do Sado, envia um cheque dirigido «à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa, para ajudar os Pobres». E acrescenta: «É pouco, mas do coração». Com essa intenção, tão cristã!, deixámos o óbulo nas mãos de quem precisa.

Presença amiga do assinante 32560. Um vale de correio da assinante 31104 «por alma dos meus entes queridos e para que seja dado a quem sofre e necessita». Outro vale, tão certinho!, de «uma assinante de Paço de Arcos», com «saudações fraternas» — já retribuídas — «partilha do mês de Outubro».

Assinante 7802, de Alhandra: «No domingo passado fiz um dia de reflexão ao Sagrado Coração de Jesus, numa freguesia do nosso concelho, em que fui a pé como penitência. Envio uma importância para aquele irmão que precisa, mais 70\$00 pois era o preço da viagem.»

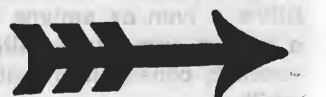
Alturas! São estas Alturas que nos dão mais Força na acção.

Os casos referidos nas últimas edições são marcados por vários Amigos. Assinante 5218, de Freixiello, um cheque de 3.000\$00 «para ajudar a compra do colchão para a velhinha, o mais depressa possível». Já goza o prazer da sua utilidade! Recebeu-o com lágrimas nos olhos — e muitas graças a Deus e aos nossos Leitores.

Para os estudos da pequenita, 5.000\$00 da Rua Luís Woodhouse, Porto, com a Amizade de sempre; o mesmo da assinante 14802; e 2.000\$00 da assinante 31355-A, de cuja missiva respigamos o seguinte:

«Tocou-me profundamente o caso daquela pequenita, órfã, que se encontra com carências para continuar os estudos.

Também eu senti dificuldades. Criada sem pai e só com o trabalho



Vistas de dentro

◆ A nossa vida é um Mistério. A Obra da Rua só se entende à Luz da Fé. Sentimos necessidade de o dizer uma e outra vez. Por isso acontece a repetição que tem sempre o sabor da novidade. Onde falham os sentidos irrompe a Luz da Fé. E tudo o que se passa no nosso dia-a-dia é verdadeiramente grande.

Há dias, estava junto do túmulo de Pai Américo, no cantinho esquerdo do altar da nossa Capela. Veio um casal, gente anónima com um ramo de cravos brancos, lindos, lindos, lindos! Colocou-os na jarra

e os sacrifícios da minha santa e boa mãe, consegui fazer o ensino secundário. Por aqui me fiquei, porque mais não foi possível. Com grande vontade e capacidade, graças a Deus; mas, materialmente, não podia nem devia exigir mais, pois a minha mãe tinha-me dedicado toda a sua vida, toda a sua mocidade, e deu-me tudo aquilo que sou hoje. Estou-lhe grata e reconhecida por todos os seus sacrifícios. E se há quem a considere e reconheça — da forma como me criou sem ajuda de ninguém — eu sou a sua maior admiradora e estar-lhe-ei eternamente grata. Nas minhas preces só peço a Deus — que é Pai — a bênção e lhe dê vida suficiente para eu a estimar e amar tanto quanto ela me amou e ama.

Mando um beijão para a pequenita e digo-lhe que siga em frente, que Deus a há-de ajudar a alcançar aquilo que deseja. «Mais vale crer que poder» — diz o Rôfão. Em frente mocinha, não desanimes! A vida e o futuro são teus e de outras crianças como tu, cheias de vontade de viver e de vencer.

Nós, os adultos, temos o dever de vos preparar o caminho, de vos amparar. Que Deus nos ajude nesta tão difícil tarefa.»

Quem poderia resistir a uma carta de tão alto nível?! Demos graças a Deus!

Em nome dos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Pago de Sousa, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

RECORDAR

Pise a terra,
Como ninguém;
Pense sozinho,
O nome de alguém.

Se se lembrar,
Queira-lhe bem;
Mas nunca se esqueça
Dum outro alguém.

De tanto pensar,
Se a lembrança não lhe chegar,
Fique ciente
Que seu amor há-de voltar.

É assim a vida,
O amor recordar;
E quanta tristeza,
Não se ter e desejar.

Manuel Henriques

ali posta para o efeito. Ao ver o cuidado, o carinho de cada gesto daquelas mãos femininas, acompanhadas pelas do marido, fiquei surpreendido e perguntei, baixinho, quem eram. — **Somos de Vila Nova de Gaia e vimos cá sempre.** O resto ficou guardado no coração.

A pobreza e humildade com que Pai Américo quis enfeitar a sua vida aparecem com toda a beleza nos cravos lindos postos à cabeceira do seu túmulo. Humildade e pobreza que estão presentes nas mãos deste casal anónimo. E foi-se, ao jeito de quem cumpriu uma missão importante, sem outra paga que a alegria interior espelhada no rosto dos dois de terem dado amor a quem muito amou também.

São coisas pequeninas do nosso dia-a-dia. Deus está presente nelas. Ouvimos Sua voz. É a voz do Mistério — Realidade que não se vê com os olhos da carne, mas entende-se com o coração.

Obrigado, Senhor, pela presença tão visível do Teu Amor no seio da nossa Comunidade!

◆ Outro dia, no fim da ceia, houve grande confusão. Depois de um dia cheio de barulho e não sei que mais, ao menos fosse respeitado aquele momento depois da ceia. Mas não! São as 24 horas do dia assim. E é para quem quer!

SUPÕE

Supõe que acreditas

Naquilo que realizas.

Supõe que te orgulhas

Por conheceres as vidas ocultas.

Supõe que gostas

Lutar sem receio

Contra o denso nevoeiro

Até alcançares o que mais adoras.

Supõe que a loucura

É a morada

Da tua ternura

Esquecida e amordaçada.

Para quê ambicionar grandezas

Quando já é bela a luz do dia?

Neste mundo de tristezas

Faz falta a harmonia!

Supõe que o importante

É a saudade não ser grande

Quando trocas o certo

Pelo incerto.

Supõe que a inércia

Da tua estragada vida

Pode ser vencida

Pela tua luta enérgica.

Supõe que alteras

A poesia seca e esquelética

Para Poesia gorda,

Brilhante e sedutora.

Supõe que precisamos todos

Uns dos outros,

Na amizade

E na honestidade.

Para quê ambicionar grandezas

Quando já é bela a luz do dia?

Neste mundo de tristezas

Faz falta a harmonia!

Manuel Amândio

Ora, aconteceu que chegou um rapaz, de novo. Já tem 13 anos e ele mesmo contou a razão por que veio para a nossa Casa. Tem mãe. O pai desapareceu. Outro homem ocupou o lugar do primeiro na vida daquela pobre mãe. Ele não aceita este filho. A vida em casa é um inferno. «Não podia mais», dizia o pequeno. Escreve uma carta: «Deixem-me ir para aí. Eu quero ser um homem. O meu padrasto não me quer». E veio. A Casa do Gaiato é para os «rejeitados». E este pequeno era um deles.

Bem, mas a confusão surgiu por causa do «apelido que havia de ser dado ao Carlos Alberto», seu nome de registo. Vem o «Andorinha» e diz que deve chamar-se «assim». Vem o «Pica-Pau» e diz que deve ser «assado». O «Cereja» entra também e mete a sua «colherada». O «Cebola» faz o mesmo. O «Nabo» também entra na confusão. O «Papagaio» chega da escola e mete o bico. Enfim... eu só dizia que devia ser o Carlos Alberto. «Que não» — porque todos têm apelido e quem «nasce» nesta Casa tem de ser «baptizado». Neste mo-

Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

Tantos filhos, de olhar e coração embaciados por tanta porcaria, já não vêem nem sentem a beleza e harmonia do seu lar... Em vez de flores, só lágrimas nos olhos dos pais!

Não se compreende, da parte do Estado, esta falta de protecção à Família, se ela é a fonte do bem e a base da própria sociedade. Que bom se todos nós acordássemos para estas realidades!

Por tal, sentimos com toda a evidência que cada Casa do Gaiato deve ser uma autêntica Família. Urgente eliminarmos todos os obstáculos que dificultam e podem impedir.

Talvez agora compreendas melhor porque não podemos amontoar casas e camas.

● Se tu te decidisses a deixar tudo e viesses... Seria mais uma Akdeia do Gaiato. Viriam contigo aquele menino e outros que esperam. Em cada uma das nossas Casas, uma centena de pedidos dolorosos! Que esperas do teu doce bem-estar e preso, infantilmente, a tantas ninharias?

Vem com todo o teu amor. As carências não são tanto de pão... Mais de carinho e aconchego. O teu coração é um mamãncal! Falta guiáres a corrente até aos sedentos. Hoje mesmo. Amanhã pode ser tarde...!

Padre Telmo

mento, depois de tudo o que se passou, com os ouvidos cheios de tanto barulho, continuo a chamar-lhe Carlos Alberto. E já sei o que me vai acontecer: quando mandar recado a chamar o Carlos Alberto ninguém vai saber quem é!

Obrigado, Senhor, pela presença tão visível do Teu Amor no rosto fino e delicado do Carlos Alberto no seio da nossa Comunidade!

Padre Manuel António

Retalhos de vida

LUPRICÍNIO



Sou o Lupricínio Ramos Correia, natural de Angola. Nasci em 16 de Agosto de 1970.

Vivia com os meus pais em Novo Redondo, quando perdi a minha mãe num desastre de aviação. Até então éramos muito felizes.

Embora lhe custasse, o meu pai foi obrigado a levar-me para uma creche. Não tinha mais ninguém que cuidasse de mim quando ia para o trabalho, longe de casa.

Fui para a Casa do Gaiato de Malanje por intermédio dumas freiras. A partir daí nunca mais soube do paradeiro do meu pai — Lupricínio Correia!

Quando entrei na Casa do Gaiato, para a nossa linda Casa, fiquei no grupo dos «Batatinhas» pois tinha apenas cinco anos.

Em 1978 recebemos a triste notícia de ficarmos sem a Casa do Gaiato, que passou para o Estado angolano. Até então as coisas corriam tão bem, éramos tão felizes nos braços do nosso Padre Telmo!

Mum Colégio de Angola fiz a quarta-classe da Escola Primária. Depois, por intermédio dumas irmãs franciscanas, e a pedido do nosso Padre Telmo, vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Agora, irei estudar e aprender uma arte para mais tarde conseguir vencer as dificuldades que a vida nos oferece.

O meu desejo é ser mecânico de automóveis.

Um abraço para todos os Amigos da Casa do Gaiato. Felicidades!

Lupricínio

Livro «OBRA DA RUA»

3.ª EDIÇÃO (ACTUALIZADA)

Trata-se do relatório de uma vida devotada ao pequenino de palhas infelizes, herdeiro forçado da miséria social, com suas muitas e variadas constelações.

É a voz de um coração que vive e que sente a vida e a sorte das chusmas infantis, a vender jornais nas ruas, a tirar lixo das latas, a guiar cegos nas feiras, a ir pela sopa aos quartéis; e, sobretudo, os dados à moínice, viciados, pervertidos pela família e pela sociedade, a chupar pontas de cigarros — prólogo dos grandes crimes. Eles, património da Nação, os predilectos de Jesus, que se morressem naquela idade iriam vestidos de branco com sinos a repicar.

P. Amín. 5/1

Mais livros da autoria de Pai Américo — Pão dos Pobres: 1.º volume (5.ª edição no prelo), 2.º volume (4.ª edição), 3.º volume (3.ª edição), 4.º volume (1.ª edição); Isto é a Casa do Gaiato: 1.º volume (3.ª edição no prelo), 2.º volume (2.ª edição); Barredo (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos); Ovo de Colombo (2.ª edição); Vlagens (2.ª edição — reordenada e aumentada); Doutrina: 1.º volume (2.ª edição — aumentada), 2.º volume (1.ª edição), 3.º volume (1.ª edição).

Obras doutros Autores — Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico de Pai Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; O Calvário, Padre Baptista; A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dra. Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte (2.ª edição); O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz (3.ª edição, aumentada).

PRESENÇA

O Simpósio dos Bispos Europeus efectuado em Roma, há mês e meio, debruçou-se sobre o tema «secularização da vida individual e social», a qual resulta de um distanciamento do Evangelho e o cresce; e concluiu pela necessidade urgente de «re-evangelizar a Europa».

No encerramento, o Cardeal Hume, presidente daquela reunião episcopal, acentuou que, ao contrário do que acontece no Leste da Europa onde «o processo de secularização é programado e imposto e os meios de comunicação, a cultura e a educação estão condicionados e controlados» — o que pede à Igreja um comportamento e reacções muito próprias — na Europa Ocidental, «a Igreja tem a liberdade e a possibilidade de fazer face, de muitas maneiras diferentes, aos desafios da sociedade contemporânea».

E acrescentava na sua síntese: «Acima de tudo foi reconhecido o papel da cultura

como da mais alta importância no discernimento das vias de evangelização. Mas o Evangelho deve também ajudar esta cultura a estruturar-se e a afirmar-se; quer dizer, a tornar-se uma civilização de amor em que as pessoas passem antes das coisas, a ética antes da técnica, o ser antes do ter e o perdão antes da justiça. Uma civilização que não é obra de intelectuais, mas que deve invadir a vida e o pensamento dos povos da Europa pelo canal de todos os meios de comunicação; e exprimir-se nas estruturas da sociedade europeia».

Estas palavras do Arcebispo de Londres, aliás reflectindo e resumindo o pensamento dos intervenientes no Simpósio, são altamente responsabilizantes para a Igreja, sempre e em todos os lugares, sobretudo onde Ela goza da «liberdade de fazer face aos desafios da sociedade contemporânea».

Elas apelam para outras palavras, inesquecíveis e indis-

pensáveis: a de Pio XII na proclamação do Movimento do Mundo Melhor — «Fazê-lo passar de um estágio animal a humano e de humano a divino»; a de Paulo VI em Fátima — «Homens, sede homens!; e porque não a de Pai Américo? — «Não vale a pena pregar a estômagos vazios. Primeiro pão, depois pão, outra vez pão...» — sabendo, como ele tantas vezes explicitou, que pão, no seu pensamento, significa uma condição embrionária de cultura, de civilização, capaz de dar ouvidos de ouvir e de levar os homens a reconhecer o primado do espírito: «Vale mais a alma do que o corpo».

Sempre julgámos insubstituível o papel da Igreja na formação global do Homem. Ela é Mãe. E às mães tanto compete gerar nos filhos os grandes princípios modeladores de um recto carácter como atender aos pequeninos pormenores quotidianos, aparentemente banais e afinal tão importantes na caminhada de seus filhos para aquela meta. A preocupação catequética da Igreja começa aqui. Ela é portadora da Salvação para todos os homens e para o Homem todo. Por isso não pode ser (não é!) estranha à educação cívica dos seus filhos e terá de redobrar esforços nesta missão. Tem autoridade própria e tem audiência. Antes de expressamente ensinar o Evangelho tem de O insuflar na cultura dos povos, ajudando esta cultura «a tornar-se uma civilização de amor» em que a hierarquia dos valores seja a correcta: «as pessoas antes das coisas, a ética antes da técnica, o ser antes do ter, o perdão antes da justiça» (e entenda-se aqui justiça por um **justicéirismo** tão enraizado na índole das pessoas). Esta «civilização não é obra de intelectuais», mas de um certo odor que, impregnando a vida do Homem e emanando dela, se revele e «se exprima nas estruturas da sociedade».

Feliz o que bebeu a Fé no leite de sua mãe e A reconhece e A assume a partir desta fonte vital. Estes serão, no seio da Igreja, os grandes obreiros dessa «invasão da vida e do pensamento dos povos», ainda que não abundem em erudição. São antenas emissoras da Boa-Nova; e é impossível que não encontrem quem as sintonize. A confirmá-lo, outra contatagem importante a que se chegou neste Simpósio: a de que «por toda a Europa se sente uma sede de religiosidade».

O Cardeal Hume cita como instrumento desta reconstrução civilizacional «todos os **mass-media** e todos os meios de comunicação» — tradução em linguagem de hoje do que está escrito no Evangelho de sempre: «A luz não é para esconder sob o alqueire, mas para pôr no candelero» de onde ilumine os homens de boa vontade. E estes são muitos, muitos mais do que levianamente se supõe. O que falta é que os menos numerosos que já escu-

taram o repto do Senhor: «Vós sois a luz do mundo e o sal da Terra» — o sejam em verdade.

Ora isto «não é obra de intelectuais nem missão exclusiva da Hierarquia; é obra da Igreja das «pedras vivas» que nos compete ser, nós todos que A constituímos.

O nosso pequenino jornal é uma experiência que exemplifica as palavras do Cardeal Hume, proferidas em nome de

todos os Bispos reunidos no Simpósio. Pobre de intelectualidade mas prenhe de vida, quantas vidas e quantos pensamentos ele não tem «invadido» com as armas pacíficas da valorização segundo o Evangelho: «as pessoas antes das coisas, a ética antes da técnica, o ser antes do ter, o perdão antes da justiça!» É ver, pelas ressonâncias que nos chegam, pela veemência com que respondem, como são muitos os que têm fome de Cristo e como se saciam ao descobri-LO presente no meio de nós!

Padre Carlos

SOPRO DO ESPÍRITO

Os gaiatos mais velhos, já casados e ao serviço da Obra da Rua — nas Casas do Gaiato do Tojal, Miranda do Corvo e Paço de Sousa — parámos três dias em Fátima com as respectivas mulheres.

O Retiro — qual sopro do Espírito — daria extensa nota! Foram dias de meditação, d'oração; sem deixarmos de nos situar, como é óbvio, na Mensagem de Fátima, pois a temática centrou-se muito na Teologia da Graça.

Entre os pontos fulcrais, Dr. Ochoa — que presidiu — falou do Sacramento da Penitência, da intensidade do estado de Graça (e de desgraça). «Vim para que tenham Vida e A tenham em abundância» (Jesus). Alimento dos cristãos, a Eucaristia — celebrada diariamente em comunidade — foi ponto forte; e o jansenismo — que ainda proliferava — mereceu explicações

— Como se pode palpar ou definir a Graça, do ponto de vista pessoal?

— Pelo Amor consubstanciado nas Bem-Aventuranças.

Outro tópico: a santificação pelo trabalho.

Sendo um Retiro de casais não poderíamos deixar de reflectir no Sacramento do Matrimónio — o Grande Sacramento; e em casos concretos, por exemplo as diferenças temperamentais: o homem, monocêntrico; a mulher, policêntrica. Quantos insucessos conjugais provêm de não se considerar

as diferenças naturais, dos planos da Criação! Abençoados Cursos de Preparação para o Matrimónio!, vulgo CPM.

Seja a nível de casal ou não — acentuou Padre Ochoa — «a maior felicidade é dar felicidade aos Outros». E sublinhou, ainda, o valor da Oração: pessoal, conjugal, familiar.

Nesta linha de espiritualidade penetrámos no Reino do Purgatório; é o mês das Almas. E mais além: no Reino dos Céus. «A Salvação de Jesus não é uma libertação qualquer, mas a libertação definitiva que embora acontecendo já nesta vida só terá a sua realização definitiva na Eternidade».

Antes do encerramento, o sacerdote sugeriu a imposição do Escapulário; cerimónia precedida dum esclarecimento histórico-religioso. Uma hora alta! Fez-nos reviver o testemunho de Vida de Pai Américo que tinha particular devoção por Nossa Senhora do Carmo, por aquele **Seguro de Vida**. Tanta que pela mão da Virgem foi entregue nos braços de Jesus, a caminho do Pai Celeste, em 16 de Julho de 1956 — dia de Nossa Senhora do Carmo!

Em suma: **Paragens** desta ordem, importantes para os baptizados, para nós outros — ao serviço duma Obra de Deus — atrever-nos-famos a classificá-las de indispensáveis; até como oportunos encontros de operários da mesma vinha — a Obra da Rua.

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra até ao desgaste final — a morte». Por isso temos de celebrar com toda a força da alma, haja o que houver; e, certos que, se «não podemos salvar quem se não quer salvar», devemos fazer tudo para que se salvem os que até nós chegam. A alegria interior de servir e a consciência plena de que vale a pena esta caminhada, levou Pai Américo a dizer-nos: «Não se molestem e sofram com paciência até ao fim a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina; eles são servos de Deus. Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do Homem das

Dores que levou a vida mortal a servir. Assim como Ele, também os Padres da Rua».

«Ai de mim se não fosse a pedra do Altar!», citamos acima. E o que diríamos nós se não pensássemos do mesmo modo?! No Altar reside toda a força da nossa acção e a eficácia dos nossos gestos. Nele se lavam as nossas culpas e misérias, se cimentam as nossas convicções, se ganha coragem e se afastam os desânimos. Nele se oferecem as nossas fraquezas e se vão buscar energias, para que unidos ao Único Sacerdote, Medianeiro e Pontífice, sejamos instrumentos, ainda que pobres, de Salvação para nós próprios e para os Outros.

Padre Luiz

Cantinho das Senhoras

Como é belo o amor! Para ele Deus nos criou...

— Porque existe o ódio?

— Ausência de Deus no coração do homem.

— E como vive esse homem?

— No desespero, na angústia, na dor. Para ele tudo é deserto. Não há vida, não há tranquilidade. Tudo à sua volta o incomoda e aborrece; não sabe desculpar, não sabe obedecer, não sabe ouvir. Só vê e ouve o que lhe convém. Tudo nele são trevas e dor... Dor de desespero, de não saber amar.

— Como arrancar do coração todo esse mal?

— Luta, luta pelo bem. Esquece todo o mal que alguém

te causou e «lembra-te que és pó» e esse alguém também precisa de ajuda.

Não percas a esperança de voltares à Vida. A Vida que um dia sonhaste: de paz, de amor, de beleza.

Só com amor a vida é bela. Amar mesmo aquele com quem não simpatizas, aquele que te ofendeu.

Amar o mais desgraçado, o mais desprezado.

Vale a pena lutares; lutares sem descanso para experimentares no teu coração a paz é o amor.

Tojal, 3 de Novembro de 1985

Helena



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel